

O Mito de Merlin na Idade Média e no Romantismo Alemão

Daniele Gallindo Gonçalves e Souza
Graduanda em Letras/ UFRJ

Resumo

Nossa proposta de trabalho tem por finalidade a releitura do mito de Merlin, tendo como fonte *A história do Mago Merlin* de Dorothea e Friedrich Schlegel. Para tanto, procuramos investigar as origens celtas e medievais do mito e sua posterior apropriação pelo Romantismo Alemão, na obra em questão. Não serão analisadas questões concernentes ao **epos** em si, mas aos pontos convergentes e divergentes entre as obras que versam sobre o mito de Merlin, distanciadas cronológica e espacialmente.

Palavras-chave: Mito celta, Literatura Medieval, Romantismo Alemão

Abstract

The present paper aims at a new interpretation of the myth of Merlin based on *Die Geschichte des Zauberers Merlin* by Dorothea and Friedrich Schlegel. Thus, we investigate the Celtic and mediaeval origins of the myth and its later appropriation by the German Romanticism in the above-mentioned text. Questions concerning the **epos** itself will not be analysed, but the convergent and the divergent issues among the works, which deal with, the myth of Merlin, and which are distant in time and place.

Keywords: Celtic myth, Mediaeval Literature, German Romanticism



Figura 1. Burne-Jones - (The Beguiling of Merlin). *A Ilusão de Merlin*, 1874. Lady Lever Art Gallery, Liverpool, England.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar, de forma sucinta, os relatos literários que têm como temática o mito de Merlin. Para tanto começaremos por analisar a aparição do mesmo na literatura medieval e, *a posteriori*, no Romantismo Alemão.

A fama literária de Merlin foi por muito tempo dependente da literatura arturiana. No entanto, pelas diferentes ressonâncias que desperta, o personagem exerceu atração e adquiriu uma popularidade que lhe permitiram ganhar vida fora do quadro medieval e atingir a condição de mito literário autônomo. De início, foi profeta da revanche bretã, criador da Távola Redonda e inspirador da cavalaria andante. Pela singular maneira como se posiciona entre o bem e mal (era fruto da ligação do diabo com uma virgem) e entre a vida e a morte (devido a sua paradoxal sobrevivência na “prisão” de ar ou em seu túmulo), Merlin pode encarar nos tempos modernos o enigma da história e do devir. Finalmente, por sua figura de feiticeiro capaz de realizar e sofrer as mais diversas metamorfoses, de construtor e engenheiro mítico e de bruxo de ocasião, ele permanece como um dos heróis privilegiados do imaginário mágico.

Para tratarmos do papel de Merlin na literatura, torna-se necessário a discussão de alguns conceitos, como o de *mito*.

I. MITO

A melhor maneira encontrada para definir mito, já que a mesma foi proposta, é de se apropriar das seguintes definições:

“... o mito designa, ..., uma “história verdadeira” e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.” (Eliade: 1998, 7)
“...: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais., uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.”(Eliade: 1998, 11)

A partir destas definições podemos depreender o que será o mito na literatura: um relato (ou uma personagem implicada num relato) simbólico que passa a ter valor fascinante (1) (ideal ou repulsivo) e mais ou menos totalizante para uma comunidade humana mais ou menos extensa, à qual ele propõe a explicação de um a situação ou forma de agir.

Na criação literária, o mito intervém na relação do escritor com sua época e seu público: um escritor exprime sua experiência ou suas convicções através das imagens simbólicas que repercutem um mito já ambientado e/ou são reconhecidas pelo público como exprimindo uma imagem fascinante.

O texto literário não é em si um mito: ele pode retomar e reeditar imagens míticas, ele próprio pode adquirir valor e fascínio mítico em certas circunstâncias, para determinado público durante certo tempo.

Apresentaremos, a seguir, algumas informações sobre Dorothea Schlegel, uma das componentes do romantismo alemão e autora de *A História de Merlin* (1803-1804).

II. DOROTHEA SCHLEGEL (1763 – 1839)

Dorothea Veit, filha do famoso filósofo berlinense Moses Mendelssohn, chega a Paris em 1802 com seu companheiro Friedrich Schlegel. Nesta época encontra-se separada de seu primeiro marido, um banqueiro, a quem abandonara para viver com Schlegel. Para a sociedade da época, o fato se tornara motivo para escândalos. Em 1804, desliga-se da comunidade judaica e adere ao protestantismo, a fim de abrir caminho para seu casamento com Schlegel. Nesta época, o livro *Sammlung romantischer Dichtungen des Mittelalters* já havia sido publicado como sendo de autoria de Friedrich, embora quase todo ele resulte das aptidões literárias de sua esposa. Sua versão da história de Merlin tem por base *o Roman du Saint Graal*, de Robert de Boron, composto em fins do século XII ou início do século XIII (2). Seu trabalho não representa uma tradução filologicamente exata, trata-se de uma recriação quase livre, que procura resgatar, tendo como base o texto original, a modernidade do tema. “Uma versão que revela tanto a visão de mundo e de si própria da primeira geração de românticos, quanto fala da época de Robert de Boron.” (GÜNZEL: 1993, 187). Posteriormente, tornou-se a converter-se, desta vez para o catolicismo, junto com seu marido, em 1808. Após a morte de Friedrich Schlegel, em 1829, vai morar com seu filho Philipp Veit, em Frankfurt, falecendo em 1839.

III. ORIGENS DE MERLIN NA LITERATURA MEDIEVAL

Assim como a existência de Artur não é comprovada historicamente, o mesmo se pode dizer de Merlin. Porém, se ambos existiram, Artur viveu antes de Merlin cerca de sessenta anos.

Merlin, cujo nome galês é Myrddin, está associado na literatura a duas figuras: o Merlin Selvagem e o Merlin Ambrósio. O primeiro é baseado na figura de um rei proveniente do norte da Bretanha e que lutou pelos bretões contra os saxões no século VI. Este teria enlouquecido após uma batalha e passara a vagar pela floresta, em contato apenas com os animais, onde teria adquirido poderes sobrenaturais. Há dados histórico-lendários que podem ligá-lo ao rei Lailoken, da Escócia.

Já Merlin Ambrósio aparece nas narrativas como o filho de um incubo e uma donzela, capaz de fazer profecias e é apresentado nas fontes latinas pela primeira vez na *Historia Regum Britanniae*, mas baseado num outro personagem da *Historia Brittonum* (c. 800), de Nennius, Aurélio Ambrósio. Nesta narrativa, onde Artur aparece como *dux bellorum* (guerreiro invencível), os dois personagens não travam contato. O rei bretão usurpador Vortigern tenta construir sem sucesso uma fortaleza que desmorona sempre após a sua conclusão. Os sábios do rei o aconselham a matar um menino sem pai e aspergir seu sangue no solo para acabar com a maldição.

O menino Ambrósio (na verdade, Aurelius Ambrosius) é encontrado, desmascara os sábios na presença do rei e explica sobre a existência de duas serpentes, branca e vermelha, debaixo do solo. A seguir, profetiza sobre o destino da Bretanha (*A História dos Bretões*, <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>, cap. 40-42).

O mesmo tema é retomado na *Historia Regum Britanniae* (1135-1138) de Geoffrey de Monmouth quando as serpentes são substituídas por dragões e Merlin (Ambrosius Merlinus) prevê que a Bretanha será derrotada pelos saxões.

Em algumas narrativas célticas é citada a figura de Merlin partindo com seus nove bardos num barco de cristal. É também visto as vezes como um rei solar cultuado em Stonehenge, motivo talvez pelo qual na *Historia Regum* ele traga essas pedras, por meio de mágica, da Irlanda à Inglaterra.

O Merlin Selvagem aparece principalmente em outra obra de Geoffrey de Monmouth, a *Vita Merlini* (1148), a qual por sua vez baseava-se na obra inacabada do mesmo autor *Prophetiae Merlini* (1134), que sofrera influência de narrativas célticas.

Merlin é associado a Artur já na *Historia Regum Britanniae*, quando é o responsável pelo nascimento daquele. Nesta narrativa, o mago produz a poção que faz o rei Uther adotar as feições de Gorlois, marido da duquesa Ingerna. Assim, enquanto Gorlois já estava morto, Artur é concebido sem que a duquesa soubesse do disfarce. Porém, a ligação entre o mago e o rei Artur termina neste ponto, sendo mencionado mais uma vez apenas as profecias de Merlin sobre a conquista da Bretanha e o incerto retorno de Artur. Será somente com Robert de Boron, obra na qual se baseou Dorothea Schlegel, que Merlin conduz Artur para ser criado por Antor e depois do episódio da retirada da espada na bigorna torna-se seu conselheiro.

Nas versões anteriores de Geoffrey de Monmouth e Robert Wace, Artur é criado pelos pais e torna-se rei legítimo aos 15 anos após a morte de Uther (3).



Figura 2. Uther, Merlin e Igraine. Merlin faz profecias ao rei. Ms. Roy, 20 A. II, f. 3v. British Library, Londres, século XIV.

IV . A HISTÓRIA DO MAGO MERLIN

“Merlin fora filho da união de uma devota virgem com o Demônio, para quem a criança um dia deveria recuperar o universo perdido e exterminar o mundo do filho de Deus, que estava sob a égide do sinal-da-cruz. Mas o início infernal, que se pode interpretar perfeitamente como um antiprojeto luciferiano em relação ao plano de redenção do Deus cristão, fracassa: Merlin acaba por fundar a Távola Redonda dos cavaleiros do rei Artur, torna-se o preceptor do bom rei Artur, e prepara o terreno para a salvação do Santo Graal, no qual outrora José de Arimatéia recolhera o sangue de Cristo sob a cruz.” (GÜNZEL: 1993, p. 184)

A vida de Merlin foi marcada por previsões e profecias, que modificaram a vida de povos inteiros e de seus governantes; reis como Uterpendragon e posteriormente o próprio Artur. Além dos poderes anteriormente citados Merlin também podia se metamorfosear e a outros também e fazer com que objetos levitassem (assim traz da Irlanda as pedras para erigir um mausoléu). A Merlin pertenciam presente, passado e futuro.

Após se tornar rei, Uterpendragon se apaixona por Yguerne, mas a dama é casada, não podendo assim ser realizado o seu desejo amoroso. Porém através da metamorfose, Merlin ajuda o rei a se encontrar com a mesma. A condição para que o encontro se realizasse seria a de que Uterpendragon desse ao mago o fruto daquela noite. A posse do recém nascido (Artur) é dada a Merlin. Artur é criado por Anthor, só

posteriormente descobrindo que é filho de um rei. A descoberta se dá quando o soberano morre e se abre uma brecha na sucessão da linhagem, pois não tinha filhos (era o que todos pensavam). A proposta para a descoberta do novo sucessor é feita por Merlin, que propõe que uma espada cravada em uma bigorna seja retirada. O único a conseguir tal feito é Artur, mas ainda seria colocado à prova até assumir o trono.



Figura 3. Gustave Doré, *Merlin and Vivien*, ilustração para o livro de Tenyson, (*Idylls of the King*). *Os Idílios do Rei* (1868).

Esta imagem nos mostra Merlin e Nynianne, na floresta onde se conheceram. A posição em que a mulher se encontra pode ser interpretada como: aquela que espera passiva e ouve atenta os ensinamentos do “mestre”.

Merlin conhece Nynianne e se apaixona. Embora saiba que se ensinar sua magia a mulher estará derrotado e nunca mais retornará a ver Artur, ele o faz, pois faz parte do seu destino e tem ciência disto. Bem sabe que a moça usa de toda a sua astúcia, para conhecer todos os poderes que possui e depois utilizá-los contra ele. O amor de Merlin por Nynianne é maior do que sua razão (4).

O dia chega! Merlin é enfeitiçado por Nynianne e jamais consegue se libertar do feitiço.

Sua história foi desde o começo copilada por mestre Blasius, a quem Merlin narrava todos os acontecimentos para que se eternizassem através da escrita.

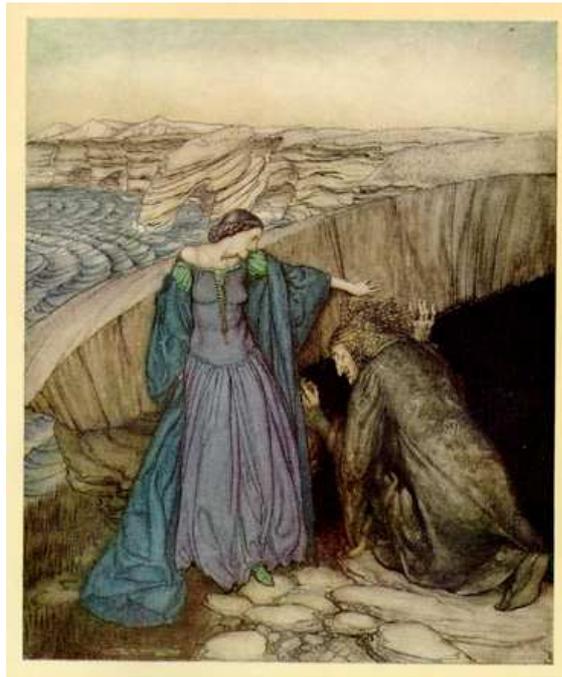


Figura 4. Arthur Rackham, In: "*Merlin and Nimue. How by her subtle working she made Merlin to go under the stone to let her wit of the marvels there: and she wrought so there for him that he came never out for all craft he could do*" from : *The Romance of King Arthur and his Knights of the Round Table.*" Abridged from Malory's *Morte D'Arthur* by Alfred W. Pollard. New York: The Macmillan Company, 1917.

Esta imagem nos mostra Nynianne subjugando Merlin aos seus poderes e finalmente o enfeitando. A mulher destrói, arruína a reputação de um homem, esta é a visão medieval que se tem da mulher. (Figura 4)

CONCLUSÃO

O mito de Merlin pode ser estudado através de várias perspectivas (histórica, literária, antropológica, psicológica, dentre outras), mas com certeza todas elas deverão abarcar a perpetuação do mito através de testemunhos literários. Desde a Idade Média até os nossos dias, muitos são os relatos que dão conto da narrativa da vida e das aventuras de Merlin, que é muito mais do que o instaurador da Távola Redonda. É o autor mítico da literatura arturiana.

Cada livro do **epos** gera em torno de si um diferente questionamento, seja este acerca da sociedade que é idealizada ou da temática que abarca. As bases do mito de Merlin encontram-se na Idade Média, época que não nos cabe analisar com profundidade.

Cabe ainda aqui uma ressalva acerca do Romantismo. De uma forma geral os românticos, influenciados pela Revolução Francesa, buscaram na Idade Média a gênese de suas nações, ou seja, as bases de um nacionalismo em formação. Buscando no passado a esperança necessária para mudar o presente e redimensionar o futuro, pois era preciso reconhecer algum lugar como Pátria, para que nela vissem inseridos seus ideais de povo e de nação (5).

“Mais do que como saudade (que também o é), o passado é visto, pois, como fundamentação da esperança, de uma esperança com raiz no presente e projeção no futuro, tempo e lugar em que o herói não estava ainda em dissolução, e era tão fácil reconhecê-lo... Física e moralmente, com efeito, o herói era marcado por “traços distintivos” que acentuavam a sua radical divergência da “turba” que, no entanto, representava – drama de uma elite” que apenas se pode sentir enquanto tal e, paradoxalmente, enquanto em comunhão com a multidão com que se não pode confundir.” (BUESCU: 1987, p.23)

Merlin seria para o mundo moderno a salvação? Creio que não, pois existem por aí várias “Nyniannes” prontas a roubar o poder alheio.

ANEXO

HISTORIA BRITTONUM (História dos Bretões) (de Nennius) Ano 800	HISTORIA REGUM BRITANNIAE (História dos Reis da Bretanha) (de Geoffrey de Monmouth) 1135-1138	ROMAN DE BRUT (Romance de Bruto) (de Robert Wace) 1155	LA QUESTE DEL SAINT GRAAL (A Demanda do Santo Graal) (Anônimo) 1215-1230
GUERREIRO INVENCÍVEL	REI CRISTÃO INVENCÍVEL	IDEM H.R.B	REI CRISTÃO PECADOR
VENCEDOR DAS 12 BATALHAS CONTRA OS SAXÕES	REALIZA CRUZADA CONTRA OS PAGÃOS E VENCE ROMA	IDEM H.R.B	MELHOR REI DO MUNDO, JUSTO E GUERREIRO
ESCUDO DA VIRGEM MARIA	ESCUDO DA VIRGEM E ESPADA CALIBURN	IDEM H.R.B.	ESPADA EXCALIBUR
		1ª MENÇÃO À TÁVOLA REDONDA	VENCE ROMA

Obs: Em *A Demanda do Santo Graal*, cristianização do mito do graal.

Bibliografia

- BEUTIN, Wolfgang et alii. *História da literatura alemã*. Tradução de Anabela Mendes et alii. Lisboa: Apáginastantas, 1993.
- BUESCU, Helena Carvalhão. Capítulo II: *O romantismo e a gênese do Romance Histórico*. In: _____. *Lendas e narrativas de Alexandre Herculano*. Lisboa: Comunicação, 1987.
- CHEVALIER, Jean, et GHEENBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- D'HUMIAC, Michaud. *As grandes lendas das humanidades*. Tradução de Moraes Rosa. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média – o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- GÜNZEL, Klaus. *Posfácio*. In: SCHLEGEL, Dorothea et Friedrich. *A história do mago Merlin*. Tradução de João Azenha Jr.. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LLULL, Ramon. *O livro da ordem de cavalaria*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.
- MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NENNIUS, *História dos Bretões*. Trad. de Adriana Zierer. In: <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>
- SCHLEGEL, Dorothea et Friedrich. *A história do mago Merlin*. Tradução de João Azenha Jr.. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ZIERER, Adriana. Quadro: Artur como rei invencível nas obras literárias medievais. In: *Artur e a apropriação do mito do Rei-Guerreiro em Portugal (século XIII)*. Conferência realizada junto ao Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 18/04/2001.

Notas

(1) A palavra “fascinante” nos parece a maneira menos ruim de descrever os efeitos classicamente atribuídos ao “sagrado” num mundo virtualmente dessacralizado.

(2) Ver quadro em anexo que enumera os romances medievais que narram a vida de Artur. Atentar para a aparição da Távola Redonda (que teria sido criada por Merlin) somente no século XII. Porém *o Roman de Brut*, de Robert Wace é uma tradução da obra *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth acrescida do episódio da criação da Távola Redonda e da aparição de Merlin como profeta e produtor da mesa que colocava os cavaleiros e o rei em igualdade. Merlin aparece em todas as obras do quadro, com exceção de *A Demanda do Santo Graal*, que faz parte de um ciclo de cinco romances anônimos (o pseudo Gautier Map ou ciclo da *Vulgata* da Matéria da Bretanha), baseados na obra de Robert de Boron. Os romances da *Vulgata* são: *A Estória do Santo Graal*, *Merlin*, *O livro de Lancelot do Lago*, *A Demanda do Santo Graal* e *A Morte do Rei Artur*.

(3) Agradeço, em especial, a professora Adriana Zierer pelos esclarecimentos acerca da figura de Merlin nas fontes medievais e de sua relação com Artur, em entrevista concedida por e-mail em 10/06/2002.

(4) Segundo a visão medieval a mulher era o motivo maior pelo qual os homens se perdiam, pois era a pecadora, a ardilosa e a diabólica. Segundo Ramon Lull, em seu *O livro da ordem de cavalaria*: “O homem enquanto possui sensatez e entendimento é de mais forte natureza que a fêmea, pode ser melhor que a mulher, porque se não tivesse tanto poder para ser bom quanto a fêmea, seguir-se-ia que a bondade e a força de natureza seriam contrárias à bondade de coração e boas obras” (p.15)

(5) Acerca do assunto ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média – o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p.12-13